



## Religião, Arte e Patrimônio Cultural

Religion, Art and Cultural Heritage

Ilka Boaventura Leite \*

Há quem diga que a função da Arte é duvidar, interrogar, enquanto à Religião caberia elaborar as respostas, aplacar os ânimos, fazer as conexões necessárias, acomodar as inquietações, restabelecer o que as incertezas do dia-a-dia espalham no ar.

Há aqueles que defendem que toda arte envolve a projeção de uma fé, principalmente a que está em busca da transcendência; e qual não está? Há também os que abordam a arte como uma das dimensões da criação humana; então, neste caso, tudo seria arte? Ou ainda, os que associam a arte voltada para a afirmação religiosa a um papel meramente doutrinário, dogmático e conformista.

Esta discussão poderá nos levar a múltiplos e diversos caminhos e as análises atuais incorporam também questões ideológicas e políticas, instalando, portanto, em diversos graus, novas especulações, reflexões, questionamentos, recortes e generalizações.

Complexas assertivas acerca do papel social desempenhado pela Arte e pela Religião podem, sem dúvida alguma, levar a discussões intermináveis, mesmo quando focadas em especificidades culturais, em interrogações estéticas, filosóficas,

---

\* Doutora em Antropologia Social (USP), com pós-doutorado em Chicago e Lisboa. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, fundadora e coordenadora do NUER (Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas). País de origem: Brasil. E-mail: ilka@cfh.ufsc.br.

econômicas, políticas e éticas. Ou ainda sobre as suas formas, movimentos, transformações, estruturas e configurações no passado e na atualidade.

Neste momento de intensos curto-circuitos eletrônicos, potencializados pelas tecnologias digitais, em que o imagético chega a ter efeito de real, sobretudo as artes visuais assumem, por vezes, um lugar de destaque, por ser o que age no sentido imediato da visão, não importando o grau de escolaridade ou de erudição de quem vê. A poética dos objetos e sua eficácia simbólica, potencializadas pela intersemiótica e experimentações da arte contemporânea, da literatura, da filosofia, da antropologia, da teologia e da psicanálise, ressaltam a força do inter e multidisciplinar, aproximando ainda e cada vez mais os artistas e os teóricos, privilegiando as intersecções e os entre-lugares.

Uma obra de arte não pode mais ser considerada exclusivamente uma expressão, um objeto, um produto ou uma imagem. Ao viajar para fora da sua própria materialidade, ela encontra outros modos de existência, de virtualidade, podendo se relacionar com outras virtualidades, desdobrando-se em formas híbridas ainda inclassificáveis. Neste caso, a consciência da inconsistência das vidas humanas, pode transformar a Religião em um tipo de Patrimônio Cultural e a Arte, desmaterializada, em uma questão de fé.

A Arte e a Religião desdobram-se desde os recônditos espaços da consciência individual até a ordem pública, podendo promover e incorporar diferenças ou legitimar intolerâncias. Se concordarmos com a afirmação anterior, a de que cabe à Arte o pleno exercício da dúvida, e à Religião, a formulação de respostas, poderíamos acrescentar ainda, que o Patrimônio seria, por excelência, a instância que confere sentidos, valores e parâmetros às formas de expressão, os modos de criar, fazer, viver, às manifestações próprias de indivíduos e coletividades.

O Patrimônio Cultural aciona símbolos e significados, evoca a memória e tem nos fundamentos estéticos, morais e religiosos o fermento mais poderoso para gerar permanências e estabilidades. A identidade individual e a social nutrem-se, ambas, da memória e do pertencimento. Não por acaso, Max Weber, em seus estudos sobre organização social, descreveu a comunidade e a nação como sustentáculos dos

mais diversos tipos de esquecimento. Caberia à tradição apropriar-se das reminiscências, relacionar-se com os exercícios e imposições de poder. Quando a postura em relação à história muda, não há mais representações fiéis, mas desfigurações intencionais, escombros e ruínas. No sentido de Valter Benjamin, a *Erfahrung* seria a própria consciência da velocidade das mudanças, a (in)capacidade e a (im)possibilidade humana de assimilá-las, de viver não mais a totalidade dos sentidos, mas cada história como advinda de outras histórias e, portanto, atreladas à dinâmica ilimitada das leituras e interpretações.

As tentativas de superação das dicotomias, das oposições entre natureza e cultura, sagrado e profano, erotismo e ascetismo, dor e felicidade, vida e morte percorrem a maioria das análises atuais sobre as produções e criações humanas, desvelando novos e múltiplos olhares, conforme Mikhail Bakhtin, demarcando *heterotopias*.

A Arte sempre irá expressar as concepções de mundo específicas dos artistas e o Patrimônio, em seu sentido sociocultural, nunca se restringe apenas a reconhecê-las de forma restrita – há, concomitantemente, uma intensa busca do mais abrangente, do geral, do universal e do transcendente. Apesar das próprias conceituações de Arte, Religião e Patrimônio Cultural, as que mais nos inquietam são aquelas que afirmam a impossibilidade de sua definição.

Esse leque de propostas de leituras só enriquece as análises atuais, reafirmando o ecletismo como uma tendência e, ao mesmo tempo, como condição e marca do que denominamos contemporâneo.